

Revolucionário mundo novo

André Specht de Andrade¹

O fim do “breve” século XX trouxe novas problemáticas às construções teóricas deste século que se desenha na história. O multisignificativo *verbete* revolução se tornou, sem dúvida, um dos mais relevantes dentro das férteis discussões que vêm sendo promovidas, suas perspectivas e suas certezas se tornaram grandes interrogações, sugerindo interpretações e demandando soluções.

Mudar o mundo sem tomar o poder, o significado da revolução hoje (Viramundo, 2003) do cientista político irlandês John Holloway, obra revisionista “no melhor sentido do termo”, surge no periodicamente “abastecido” mercado de publicações marxistas proporcionando novas perspectivas para o complicado horizonte em que qualquer mudança urgente caminhe. O autor ao longo da obra não tenciona, para a tristeza de alguns questionáveis marxistas, ressuscitar o velho pensador barbudo para explicar o mundo e a realidade e muito menos procura provar pelas “Sagradas Escrituras” d’O Capital o profético fim do capitalismo e a vitória da revolução. Holloway a posteriori integra múltiplos conceitos para a insolúvel questão-título, *sua* (nossa) mudança do mundo não se baseia apenas na riqueza bibliográfica marxiana e marxista acompanhadas de uma pertinente crítica, suas bases são mais amplas e visam aliar não só teoria e prática mas também vontade e esperança. A teoria e a práxis revolucionárias construídas a partir dos elementos conceituais e axiológicos do marxismo – alienação, fetichismo, revolução, ciência – são acompanhantes de um claro sentimento de mudança e de negação que brota da consciência de cada indivíduo diante de um mundo que se pretende transformar.

A crítica na obra de Holloway tem papel central, é a partir dela que podemos compreender o movimento da tensão das forças em contradição na nossa sociedade e não simplesmente a “realidade” como muitos apregoam julgando-se portadores oficiais da consciência que com mão filosófica apreende a realidade do mundo; a crítica do “eu” e do nós” não se afasta da crítica do discurso acadêmico ou mesmo do marxismo científico². O mundo fetichizado e dominado pelas relações de poder delineiam o alvo da obra. A saída possível para a complexa e histórica conjuntura, para o autor, é ir além do Estado e de todo o poder, rompendo os obstáculos da lógica das relações capitalistas de modo a concretizar socialmente o antipoder na derrota do poder-sobre pelo poder-fazer, palavras-chave da nova revolução.

A negação e os descaminhos da revolução

O princípio para ação, nossa negação dentro da realidade marcada pelo antagonismo em que vivemos, é, segundo Holloway, o grito; é o nosso ponto de partida, é o que nos une sobre um denominador comum. O grito expressa nossos sentimentos de dor, raiva, ira, rejeição e, principalmente, de negação de um mundo que sentimos que está equivocado, “a negação de um mundo que é negativo”, o NÃO! Agredidos pelas iniquidades e pelos absurdos do satanizado sistema capitalista os indivíduos chegam a um ponto em que não suportam mais assistir o espetáculo da miséria celebrado midiaticamente, a apreensão dos antagonismos gerados por esta realidade dá vazão à explosão do grito que motiva a luta pela mudança. O autor ao explorar o grito e seu “caráter social” (“emudecido pelo discurso acadêmico”), reafirma o poder da união entre as pessoas, a capacidade dessas em pensar uma realidade diferente negando a atual e a esperança de um final feliz. Idéias consagradas em uma citação de Gramsci: “pessimismo da razão, otimismo da vontade”.

Mas afinal – é assim que Holloway “conversa” com o leitor –, temos que perguntar: se quisermos nos posicionar de uma maneira diferente, radical, visando o fim das relações de poder e de tudo o que o sustenta, como poderemos fazê-lo? Holloway rapidamente responde: “mudar o mundo sem tomar o poder”. A ironia com que o autor complementa sua resposta (“Ah! Ah! Muito engraçado”) marca a mudança do clima da obra, o ambiente esperançoso e otimista atinge o sinuoso caminho da análise teórica política e filosófica, campo onde suas úteis e valiosas observações caminham com muita ironia e disposição, às vezes tropeçando em pedras de erudição típica e de terminologias confusas e peculiares ou mesmo perdendo-se em utopismos que ele mesmo confirma. A graça na resposta anterior não se perde inicialmente, muitas outras respostas acompanham a ironia do autor que sabe que dentro de suas limitações o melhor, por enquanto, é o humor.

Os paradigmas do finado século XX são apedrejados pela mão crítica de Holloway que denuncia a limitada visão teórica, ainda vigente no mundo acadêmico, acerca dos conceitos de Estado, partido e poder; para ele estátuas da mitologia política histórica. A quebra desses modelos eternizados pelo século passado é vital para poder-se pensar em termos da nova categoria do pensamento revolucionário, o antipoder. Para o cientista político

¹ Graduando em História (Faculdades Integradas Espírita)

² Holloway lança duras críticas ao marxismo científico desenvolvido por Engels; acusa-o de ver a dialética como algo natural e independente da vontade dos homens, de negar o papel central da crítica, de excluir o valor da subjetividade na luta pela mudança e de observar o mundo “da Lua”, vendo tudo com uma pretensa objetividade científica.

irlandês os três termos urgem por novas luzes interpretativas que reavaliem suas essências estruturais e funcionais. Holloway lança essas luzes e dessa forma define seus conceitos através da ótica da nova postura revolucionária.

O Estado, entidade toda-poderosa que figura há mais de cem anos como um dos instrumentos mais eficazes para a revolução, ou para a reforma, mostrou-se como um paradigma falso que deixou patente o fracasso histórico de um conceito de revolução identificado com seu controle. O Estado, por não ser senhor de uma autonomia e de uma soberania frente ao capitalismo, não consegue romper com a lógica capitalista, o que poria abaixo qualquer plano miraculoso que visasse sua tomada. O Estado nessas condições não pode ser o arquiteto da mudança, pois, preso nas teias da grande aranha capitalista, tem suas ações e suas funções restringidas e direcionadas para o poder.

O partido, protagonista do teatro de malfadados planos revolucionários, passa pela mesma situação. O fetiche em torno de seu estimado poder impede uma observação mais satisfatória de seu papel fundamental. A hierarquização, a orientação para o Estado e a função de disciplinar as lutas de classe impedem sua mudança do mundo pois caem em estruturas de poder e apontam para o fetichizado Estado aprioristicamente preso numa visão instrumentalizada pelo discurso acadêmico e pelo modelo de revolução do século passado. Holloway lança mão da clássica obra de Lukács, *História e consciência de classe*, para mostrar a histórica problemática da fetichização do partido e as falhas que lhe foram inerentes. O autor aproveita ainda para criticar o pensador húngaro, que morreu em 1971, por ter se equivocado nas suas atribuições ao partido e de tê-lo visto como um *deus ex machina* portador da “justa consciência de classe do proletariado”.

Finalmente, chega-se no terceiro ponto das (re)definições de Holloway: o poder, expresso na categoria do poder-fazer, condição indispensável à libertação do homem da sua alienação e da sua situação de dominado; condição indispensável à sua atuação como sujeito da história e à sua humanização. O fazer é o segundo passo para a mudança (o primeiro foi o grito), é o reconhecimento e a valorização das humanidades dos homens no mundo, homens que movimentando-se negativamente na direção da negação prática levantam-se contra a negação da sua humanidade, ou seja, contra o poder-sobre que domina e aliena. Dentro desse labirinto teórico o que o autor realmente destaca é o estado de alienação e de dominação em que os homens se encontram. Relegados a meros instrumentos do poder capitalista os homens se desumanizaram e perderam o contanto vital com o *nós* social e com suas capacidades subjetivas criativas e criadoras, peças da engrenagem do “fluxo social do fazer”. Para Holloway a única via para a inversão deste quadro é o desenvolvimento de um antipoder radical e emancipatório, em uma sociedade que não se baseie na lógica do poder; nesse sentido, o zapatismo³ é paradigmático.

As pinceladas gramático-terminológicas das categorias consagradas pelo marxismo e pelas ciências sociais feitas por Holloway revelam suas pretensões em criar – como muitos que almejam o *mainstream* – um vocabulário particular no melhor do seu estilo. Pontos negativos à parte (aí a expressão de *nossa* negação), o modo como o autor discute o papel do Estado, seus novos significados e seu poder revela a importância que pode ter neste século de esperanças e de incertezas a ressignificação da práxis revolucionária, que pode muito bem começar com um grito de negação ou com simplesmente um NÃO!

Fetichismo, não-identidade e crítica

Mesmo assentando os primeiros tijolos do muro teórico da mudança do mundo – o grito e o fazer negativo – a resposta para pergunta principal do livro continua suspensa em um ar de dúvida, os esforços de Holloway para pelo menos aproximá-la do leitor são louváveis; o caminho continua sendo um só: a crítica.

O fetichismo, um dos pontos mais significativos da obra de Marx visto em seus pormenores n’O Capital, é analisado por Holloway como um progresso na construção crítica da atuação do homem para com seus semelhantes e para com o mundo que se pretende negar. A análise dessa categoria fornece a base para a compreensão dos conceitos de alienação, de separação do fazer em relação ao feito no trabalho alienado, de negação da identificação limitadora e da crítica antifetichista, categorias que Holloway utiliza para explicar a desumanização do homem na produção capitalista, a “objetivização do sujeito e a subjetivização do objeto”, a crucial “ruptura social do fazer” e a crítica libertadora.

Marx nos diz que, na sociedade capitalista, os objetos materiais possuem certas características que lhes são conferidas pelas relações sociais dominantes, mas aparecem como se lhes pertencessem naturalmente. Esse desenvolvimento histórico que acompanhou o modo de produção capitalista é por ele denominado fetichismo, e sua forma elementar, tradicionalmente revisitada, é o fetichismo da mercadoria enquanto portadora do valor. A

³ O zapatismo tem uma singular importância na cena contemporânea pois trata-se do primeiro movimento de massas que convoca a uma resistência global, armada e sem quartel contra o neoliberalismo, além disso o zapatismo é responsável por introduzir uma inovação radical nas concepções teóricas da esquerda, trazendo um sopro de frescor sobre dogmas engessados ou atribuições pragmáticas disfarçadas de categorias analíticas. Holloway – que nutre grande simpatia pelo movimento – vê o zapatismo como uma vitória das concepções do antipoder.

ilusão do fetichismo surge da fusão da característica social com as suas formas materiais: o valor se apresenta como naturalmente inerente à mercadoria, ídolo alheio e autônomo na produção e no consumo.

Holloway discute o fetichismo em duas categorias analíticas: fetichismo duro e fetichismo como processo. O primeiro – amplamente discutido – é o que modela as relações entre os homens em uma sociedade capitalista onde as relações sociais existem como relações entre coisas. O segundo, o fetichismo como processo, é o mais interessante para a crítica antifetichista. Essa categoria é a que melhor acompanha as mudanças do capitalismo, é o fetichismo em movimento, é o fetichismo em constante processo de fetichização. Esse processo em andamento revela seu lado positivo quando reconhece-se sua ação e ao mesmo tempo sua negação. Partindo do pressuposto em que vivemos em uma sociedade marcada por antagonismos podemos certamente nos colocar dentro da tensão das forças contrárias e agir, através da postura crítica negativa, “contra-e-mais-além”.

Dentro da perspectiva da negação, o entendimento sobre o conceito de definição para Holloway torna-se vital. Percebemos que em toda a obra em nenhum momento o autor define quem são os “homens” que, negando um mundo que é negativo, lutam pela superação do poder-fazer. O autor não se refere nem ao proletariado mundial e nem aos medalhões da torre de marfim. Para o cientista político irlandês, a definição impõe rótulos, subordina e limita a ação das pessoas, impedindo-as de ao mesmo tempo *serem* e *não serem* alguma coisa, não expressando assim o que ele chama de não-identidade, ou seja, de não se estar em nenhum grupo particular, fechado e específico. Uma vez definida, a classe trabalhadora é identificada como um grupo particular de pessoas, um “eles” distante do “nós” necessário à mudança. Segundo Holloway, “não lutamos *como* classe trabalhadora, lutamos *contra* ser classe trabalhadora, contra ser classificados”.

Apreendido o fetichismo como processo de fetichização – histórico, presente, não-natural, em movimento dentro do capitalismo – e como personagem na tensão entre os antagonismos existentes dos quais fazemos parte, exercendo nossa negação prática, atinge-se o ponto teórico da libertação do fazer, a crítica. Para Holloway a crítica entendida como um movimento analítico e genético “é o movimento de desfetichização, a voz teórica do grito. A crítica é tanto destrutiva como regenerativa”, transforma o que *está* e o que *é*, recupera o fazer livre e criativo e emancipa. Veículo do grito e do fazer, sempre na vanguarda, a crítica avança sobre os obstáculos, derrubando as colunas da impossibilidade e lançando sobre a terra em ruínas as sementes de um novo mundo.

O grito continua

Os saberes da “crítica” de Holloway cumprem sua tarefa epistemológica mas não mudam o mundo, compreender a estrutura e a dinâmica dos antagonismos da sociedade em que vivemos, agindo criticamente dentro dela gritando ou fazendo seja lá o que for, ainda não ultrapassa os obstáculos do mundo real, o que está fora dos livros. Como muitos autores, Holloway oferece um caminho, não vê nada como acabado e definitivo. Como os que outrora teorizaram, legando obras clássicas ao pensamento revolucionário, ele também sabe os limites que pode ter qualquer prognóstico desse sentido. Utopia ou não, é sempre bom lembrar de Sartre quando diz que todas as idéias, antes de serem realizadas, parecem utópicas.

A – previsível – conclusão de *Mudar o mundo sem tomar o poder* é uma flecha disparada contra o otimismo marcante dos primeiros passos teóricos de seu autor. A pergunta – como mudar o mundo sem tomar o poder? – finalmente encontra uma resposta: “não sabemos”. Reafirmando suas prerrogativas Holloway conclui sua contribuição à literatura marxista dizendo: “este é um livro que não tem um final feliz. Nada nele mudou os horrores da sociedade em que vivemos. Se o livro fez algo para debilitar ou embotar o grito ou para conceitualizá-lo fora da existência, fracassou. O objetivo foi fortalecê-lo, fazê-lo mais estridente. “O grito continua”.